

#cm
2
TERÇA-FEIRA



Cadê a razão que estava aqui?

Escrita há 20 anos pela francesa Yasmin Reza e encenada em mais de 30 países, a peça “O Deus da Carnificina” ganha nova montagem brasileira. A adaptação assinada pelo diretor Rodrigo Portella convida o público a rir de si mesmo e questionar se a civilidade é realmente possível ou apenas uma ilusão que mantemos enquanto nossas máscaras sociais não caem. Pág. 2

Annelize Tozetto/Divulgação



O que era para ser uma reunião racional de dois casais para resolver problemas entre seus filhos revela a linha tênue que separa a civilização da barbárie

Verdades desnudadas

‘O Deus da Carnificina’ retorna aos palcos cariocas 15 anos após primeira montagem brasileira do premiado texto francês

Um dos textos teatrais mais aclamados dos últimos anos, “O Deus da Carnificina” retorna aos palcos cariocas em montagem dirigida por Rodrigo Portella, reunindo Ângelo Paes Leme, Karine Teles, Thelmo Fernandes e Anna Sophia Folch. Lançada há 20 anos, a peça de Yasmina Reza, em cartaz no Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch, chega à sua terceira versão no país.

A trajetória de “O Deus da Carnificina” no Brasil começou em 2011, quando Emílio de Mello dirigiu a primeira montagem nacional, intitulada “Deus da Carnificina, uma Comédia sem Juízo”, com Paulo Betti e Julia Lemmertz no elenco. A produção foi bem recebida no Rio e posteriormente levada a São Paulo, onde se estabeleceu como um dos melhores espetáculos do ano, segundo críticos da época. A peça regressou aos palcos



Rodrigo Portella assina a nova montagem brasileira do premiado espetáculo francês

paulistas em 2013, no Teatro Sérgio Cardoso, consolidando sua reputação entre o público brasileiro. Em 2017, uma terceira versão circulou pelo interior de São Paulo.

Internacionalmente, a peça já havia conquistado prêmios antes de sua chegada ao Brasil. Estreada em Zurique em 2006, ganhou o Olivier Award em Londres (2008)

e arrebatou o Tony Award de Melhor Peça na Broadway em 2009, onde foi indicada em seis categorias. A adaptação para o cinema dirigida por Roman Polanski em 2011 — com Jodie Foster, Kate Winslet, Christoph Waltz e John C. Reilly — reforçou a visibilidade do texto que já foi encenado em mais de 30 países.

“É como se os pactos e convenções sociais fossem frágeis demais para conter o que realmente somos”

RODRIGO PORTELLA

Na dramaturgia de Reza casais se reúnem para resolver civilizadamente uma briga entre seus filhos. Conforme a conversa avança, a cordialidade desmorona. Xícaras caem, discursos politicamente corretos se desintegram, e aquilo que parecia uma reunião racional de adultos racionais vira um campo de batalha emocional travado com

humor ácido: quanto mais os personagens tentam manter a civilidade, mais violentamente ela desmorona, revelando egoísmos, infantilidades e ressentimentos que estavam ali o tempo todo.

Para Rodrigo Portella, a peça explora “o limite tênue entre civilidade e barbárie”. “É como se os pactos e convenções sociais fossem frágeis demais para conter o que realmente somos”. Essa perspectiva guia sua encenação, que aposta em dinâmica e tensão para potencializar tanto o riso quanto o incômodo que o texto provoca.

Para esta nova produção carioca, Portella aposta em uma encenação dinâmica que potencializa a tensão e o riso presentes no texto. Os quatro atores permanecem confinados na sala de estar de um apartamento onde acusações, ironias e revelações se acumulam. O elenco é experiente. Karine Teles e Ângelo Paes Leme são conhecidos por trabalhos em cinema e televisão; Thelmo Fernandes tem longa carreira em teatro; e Anna Sophia Folch, que idealizou esta montagem.

“Poderia ter sido escrita ontem”, comenta Anna Sophia, referindo-se à capacidade do texto de dialogar com questões contemporâneas como violência, patriarcado e dinâmicas de poder.

SERVIÇO

O DEUS DA CARNIFICINA

Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804, Glória)
Até 7/6, de quinta a sábado (20h) e domingos (17h)
R\$ 150 e R\$ 75 (meia)



Taina Senna e Eduardo Hoffmann integram o elenco de 'O Último Dia'

Do controle ao crime

'O Último Dia' encerra temporada carioca com reflexão urgente sobre violência contra a mulher

Enquanto o Brasil registra o maior número de feminicídios de sua história — 1.568 mortes em 2025, segundo da-

dos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública —, a peça "O Último Dia" encerra sua temporada na quarta-feira (29 de abril) no Centro Cultural Justiça Federal, na Cinelândia, como um exer-

cício de escuta sobre a violência que antecede o desfecho extremo. A montagem, que esteve em cartaz desde 7 de abril, propõe uma reflexão incômoda: o feminicídio não é um ato isolado,

mas o ponto final de uma longa sequência de abusos.

A peça é uma adaptação do livro homônimo de Mariana Reade e Wagner Cinelli, com direção de Paulo Reis e idealização de Ana Capella. Acompanha a trajetória de Luana, uma mulher comum que vê sua relação se transformar gradualmente em um ciclo de controle, medo e violência. O diferencial da encenação está em sua recusa do sensacionalismo: em vez de dramatizar o desfecho trágico, a dramaturgia privilegia o silêncio, a sutileza e o confronto emocional com o espectador. Cada gesto, cada palavra revela como o abuso raramente surge de forma abrupta, mas se instala de maneira progressiva e frequentemente naturalizada.

No elenco, Tainá Senna vive Luana; Eduardo Hoffmann, Ana Carbatti e Julia Tupinambá completam o elenco. Senna, que também é atriz, comentou sobre a urgência do projeto: "Vimos o número de feminicídios crescer no ano passado, um panorama desolador. Diante desse quadro, é cada vez mais urgente que não só a imprensa noticie os novos casos, mas que a arte traga este tema à tona. A arte também tem essa função de alertar e conscientizar a população". A coautora Mariana Reade, por sua vez, explicou sua motivação: "Escrevi esta peça movida pela esperança de contribuir para uma batalha que atravessa gerações: enfrentar o machismo que se infiltra no cotidiano, naturaliza a violência".

A violência doméstica contra a mulher assume múltiplas formas — física, psicológica, moral, sexual e patrimonial —, e não é raro que ocorram simultaneamente. Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça, a Justiça brasileira julgou, em média, 42 casos de feminicídio por dia em 2025, um aumento de 17% em comparação ao ano anterior. Neste contexto, a peça funciona como um documento artístico que torna visível o que frequentemente permanece invisível: a progressão silenciosa do abuso que precede a morte.

SERVIÇO

O ÚLTIMO DIA

Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 – Centro) Até 29/4, terça e quarta (19h) Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Troca emocional

Em cartaz no Teatro Cândido Mendes até quarta-feira (28), o espetáculo "Ritual Dos Invejosos" apresenta o encontro entre dois personagens cujas histórias se entrelaçam de forma perturbadora. Dirigida por Paulo Bond Simões, a peça explora afinidades inesperadas e revelações surpreendentes em uma troca emocional marcada por tensão crescente. Em cena, Bond Simões e Francys Bloch convidam o espectador a ultrapassar a posição de observador e se reconhecer nas camadas mais íntimas dos personagens.



Narrativas provocadoras

Em cartaz no Teatro Poeira até quinta (29), o espetáculo "O Homem Decomposto" apresenta narrativas surreais e provocadoras criadas pelo dramaturgo franco-romeno Matéi Visniec. A produção reúne histórias de cidadãos isolados em círculos invisíveis, uma invasão de borboletas carnívoras, uma empresa de lavagem cerebral e um homem com um animal de estimação que devora pessoas. O conjunto de cenas explora o absurdo da realidade contemporânea através de situações perturbadoras e insólitas.



Distopia à brasileira

"País Gambiarra" apresenta uma distopia à brasileira - um contexto no qual a água torna-se moeda de troca e entregadores recebem em litros. Criação coletiva do Grupo Teatro de Busto durante a pandemia, a peça explora um cenário onde canos são furados propositalmente e a morte vira demanda de entrega. A dramaturgia une humor e crítica social, originária de uma HQ distribuída em escolas e bibliotecas públicas. Direção de Jefferson Santi. Em cartaz no Espaço Tápias, na Barra da Tijuca, até domingo (3).

CORREIO CULTURAL



Daza Films

'Nada a Fazer', com Angela e Leandra Leal, está no festival

Começa o Festival de Bagé e Livramento

As cidades gaúchas de Bagé e Sant'Ana do Livramento recebem desta terça (28) até sábado (2) a 17ª edição do Festival Internacional de Cinema da Fronteira. Trinta títulos concorrem ao novo Prêmio São Sebastião/Assembleia Legislativa. Em paralelo ao festival, acontece o laboratório de projetos Sur Frontera WIP LAB, voltado para profissionais do audiovisual.

A mostra competitiva reúne 30 títulos de 18 países, divididos por igual em longas, curtas e curtas de animação, vários deles ainda inéditos no circuito exibidor.

Dos longas, oito deles são dirigidos por realizadoras ibero-americanas. Seis produções gaúchas serão exibidas fora de competição. Onze projetos do Brasil e América Latina concorrem no Sur Frontera WIP LAB.

Aura chega à feira 1-54

Em sua primeira participação na renomada feira 1-54, que será realizada entre os dias 13 e 17 de maio em Nova York (EUA), a Aura apresenta em seu estande dois de seus artistas representados: Rommulo Vieira Conceição e Renan Teles. Para além do setor principal da feira, que também tem edições em Londres e Marakech, os artistas da galeria paulistana também marcam presença institucional, com a inclusão de obras de Rommulo e Helô Sanvoy na exposição "Brazil Beyond Brazil", curada por Igor Simões.

Desafio criativo

O cantor e compositor Berg Menezes apresenta o documentário "Fagulha: Música e Acessibilidade", projeto que sintetiza anos de pesquisa e experimentação sobre inclusão no campo musical. A obra propõe se pensar a acessibilidade como ponto de partida estético e criativo.

Desafio criativo II

Desenvolvido a partir de investigações iniciadas em 2019 e aprofundadas em parceria com o Centro Cultural Bom Jardim, o documentário ganha forma a partir de experiências realizadas pelo músico com o Instituto Cearense de Educação de Surdos e o Instituto dos Cegos.

Bonner vai ao SBT e recebe 33 troféus

William Bonner finalmente conseguiu ir ao SBT retirar algumas estatuetas do Troféu Imprensa que ele ganhou ao longo das últimas décadas. São incríveis 33 troféus, conquistados por ele e pelo Jornal Nacional. Porém, o profissional nunca havia sido liberado para ir pegar as premiações. Só agora, após deixar o comando do noticiário, ele pôde dar um pulo no concorrente.



Reprodução TV



Gonzalo Chalo Garcia/FICC

Allan Deberton e Marcelo Pinheiro exibem os prêmios de melhor filme e melhor interpretação conquistados em Guadalajara

"Feito Pipa" conquista prêmios no México

Filme do cearense Allan Deberton vence em Guadalajara com premiações na seção Maguey



Jamille Queiroz/Divulgação

A interpretação conjunta de Yuri Gomes (Gugu) e Teca Pereira (Dilma) conquistou o júri mexicano

AFFONSO NUNES

Carregado de sensibilidade, o longa "Feito Pipa", dirigido pelo cearense Allan Deberton, saiu da 41ª edição do Festival de Guadalajara, no México, com dois prêmios: Melhor Filme e Melhor Interpretação para Teca Pereira e Yuri Gomes. A premiação aconteceu na seção Maguey, que reúne longas-metragens de ficção

e documentários que abordam temas relacionados à comunidade LGBTQ+. É mais um belo capítulo que se escreve na trajetória internacional da produção, que desde fevereiro acumula reconhecimentos em festivais de grande circulação.

A história acompanha Gugu, um menino que sonha em se tornar jogador de futebol e vive com a avó Dilma (Teca Pereira), que o cria de forma livre e afetuosa. Quando a saúde de Dilma se fragiliza, Gugu tenta esconder

a situação para evitar ser separado dela e precisar ir morar com o intransigente Batista, seu pai, interpretado por Lázaro Ramos. O elenco completa-se com Carlos Francisco e Georgina Castro. Rodado em Quixadá, no interior do Ceará, o longa é uma narrativa tecida sobre questões como amadurecimento, pertencimento e afeto.

O júri de Guadalajara justificou a premiação destacando a forma como o filme constrói "uma história universal a partir do ponto de vista de um personagem, complementada pelo design de produção, pelas atuações e pela cinematografia". A declaração menciona ainda que o filme "nos convida a trabalhar e a construir em espaços seguros para as identidades queer e para as pessoas que amamos".

A trajetória internacional de "Feito Pipa" começou na Berlinale 2026, em fevereiro, onde recebeu o Urso de Cristal de Melhor Filme (Júri Jovem) e o Grande Prêmio do Júri Internacional da mostra Generation Kplus. Na ocasião, o filme foi aplaudido de pé nas três sessões durante o festival. Em seguida, abriu a 65ª edição do Festival Internacional de Cinema de Cartagena das Índias (FICCI), em abril, marcando sua estreia latino-americana. Naquele festival, Yuri Gomes conquistou o prêmio de Melhor Interpretação na mostra competitiva Cine de los Barrios, que leva o cinema a diferentes territórios da cidade. Para o jovem ator baiano de 12 anos, era sua estreia no cinema.

Allan Deberton e Marcelo Pinheiro continuam acompanhando a circulação do filme. "Feito Pipa" abriu a 26ª edição do Festival Internacional de Cine en Puerto Vallarta, no México, logo após Guadalajara. A produção segue em circuito internacional, firmando-se como um dos principais destaques do cinema brasileiro neste ano.

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE
CINE INDEPENDIENTE

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Dono de um CEP que já remeteu a potência cinematográfica do Brasil para vários cantos do mundo no formato curta-metragem, o Rio Grande do Sul de “Ilha das Flores” e “O Natal do Burrinho”, a produção gaúcha de 14 minutos “Banho Maria” ferveu o BAFICI, em Buenos Aires, com as águas aquecidas de um parque aquático. Um resort repleto de estátuas tamanho GG de dinossauros fofuchos serve de cenário a uma celebração do ócio na luta contra a tirania laboral de um mundo em escala 24/7, saindo do festival portenho com o FilmsToFestivals, um prêmio de melhor curta-metragem latino-americano que abrangia todas as seleções competitivas.

A meticulosa direção de Gabriel Faccini faz dele uma aposta forte no circuito de mostras competitivas, sobretudo quando a plateia embarca nas atuações de Silvana Rodrigues e Lukas Rodrigues. Exibida na competição internacional oficial do evento, essa crônica sobre escolhas acompanha uma manhã de calor escaldante em que uma mulher decide faltar ao trabalho, quando já estava na plataforma ferroviária. O gesto simples de “matar” as tarefas do dia se desdobra em múltiplas camadas de leitura sobre tempo, exaustão e desejo.

“Quando estávamos desenvolvendo o roteiro para ‘Banho Maria’, eu e a Silvana Rodrigues - que é a roteirista e também protagoniza o filme - pensamos, em primeiro lugar, nas nossas experiências compartilhadas. Em nossas angústias e sonhos”, explica Faccini ao Correio da Manhã. “O filme começou a ser escrito ainda na pandemia e, muitas vezes, nossas reuniões de roteiro soavam mais como terapia. Aos poucos, fomos entendendo que nos interessava falar sobre temas intrinsecamente relacionados com a experiência da classe trabalhadora, com uma escala de trabalho extenuante, além da ansiedade climática e do pouco espaço que encontramos para o ócio em nossas vidas. Por outro lado, nossa intenção foi encontrar uma abordagem mais sensorial destas questões, numa forma que brincasse com as diferentes escalas de tempo a que somos submetidos. Talvez o mundo esteja acabando, mas precisamos acordar amanhã cedo para ir trabalhar. Há uma melancolia do cotidiano em confronto com o catastrofismo dessa quadra da História humana”.

É nesse tensionamento que a dramaturgia da Banho Maria se estabelece, segundo Faccini: “Não sei se necessariamente buscamos levar



Uma trabalhadora cansada do batente (Silvana Rodrigues) resolve tirar um dia de ócio em ‘Banho Maria’, curta de Gabriel Faccini

Fervura máxima



“Aos poucos, fomos entendendo que nos interessava falar sobre temas intrinsecamente relacionados com a experiência da classe trabalhadora”

GABRIEL FACCINI

uma representação específica para o exterior, mas sem dúvidas há uma potência em duas personagens negras optando por um dia de folga em um parque aquático em meio à semana”.

A passagem pelo BAFICI revelou ao realizador um panorama vibrante do cinema argentino, mes-

mo diante de cortes recentes no financiamento. Pulsante é o adjetivo do diretor para falar do que viu da filmografia mais recente de nuestros hermanos em tempo de Javier Milei na presidência, com um conservadorismo avesso à cultura.

“Na própria Mostra Competitiva Internacional, da qual ‘Banho

Ambientado num parque aquático, ‘Banho Maria’, de Gabriel Faccini, vindo do Rio Grande do Sul, saiu premiado ao levar um debate sobre ócio para num dos maiores festivais da América Latina

Maria’ fez parte, tive a oportunidade de assistir três filmes argentinos, muito diferentes em suas propostas e todos executados de forma primorosa. Penso que no Brasil passamos por momentos muito parecidos em termos de escassez de recursos e essa é uma realidade que nos força, enquanto realizadores, a encontrar

alternativas criativas para o setor. Foi muito rico poder trocar com cineastas das mais diversas regiões do mundo e perceber que, mesmo na nossa variedade de temáticas e abordagens, conseguimos nos conectar com as histórias contadas”, ediz Faccini. “O BAFICI programa um grande número de filmes e é incrível ver as salas quase sempre lotadas, mesmo em horário comercial, em dias de semana. Isso demonstra uma cultura cinematográfica consolidada e um interesse real do público por consumir cinema, em todas as suas formas”.

Novos planos para “Banho Maria” e para a carreira do realizador já estão em curso.

“O filme está no início de sua caminhada. Espero que ele possa ser visto pelo máximo de pessoas possível, o que, no contexto de um curta, significa o circuito de festivais. Eu me empolgo com a perspectiva de poder trocar ainda mais a partir de ‘Banho Maria’ no futuro, e este é um dos motivos por que fazemos cinema”, explica Faccini. “De minha parte, estou em processo de montagem de um longa documental e prestes a iniciar a pré-produção de um outro longa ficcional, que produzo, e provavelmente rodaremos no início de 2027. Num âmbito mais pessoal, pretendo continuar fazendo cinema com minhas amigas e amigos. No fim das contas, a maior parte do nosso trabalho acontece durante o processo, muito mais do que nos resultados, nos filmes prontos. Então, pretendo continuar propondo e participando da construção dos melhores, mais agradáveis e mais satisfatórios processos criativos que conseguir”.

Sempre teremos Buenos Aires

Encerrado no domingo, o BAFICI deixa um legado de experimentos poéticos para o circuito

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE
CINE INDEPENDIENTE

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sempre lotado, mesmo nas exibições às raias do crepúsculo de produções experimentais, o BAFICI – Festival Internacional de Buenos Aires provou a Javier Milei que a cultura vence o obscurantismo das políticas conservadoras quando celebra a diversidade e a aceitação. Javier Porta Fouz, um dos curadores da maratona portenha, trouxe pérolas do mundo todo para sua grade de 327 títulos, cavando espaços nobres para o Brasil. Grace Passô saiu de lá consagrada com seu “Nosso Segredo”, que passou antes na Berlinale. Outros cantos do planeta também se refestelaram nas telonas da Argentina, de 16 a 26 deste mês. Agora, é a hora do inventário. É momento de balanço. Confira alguns dos títulos que mais se destacaram na mirada crítica de nuestros hermanos.

YEGUA, de Virginia Scaro (Argentina): Um estudo delicado sobre culpa. Na trama, um homem bêbado enfrenta outro após uma traição e acaba caindo no chão. Enquanto isso, sua égua se solta, atravessa a vila e sobe a montanha. Entre cercas e outros cavalos, algo parece abrir a possibilidade de mudar o curso daquela história... quiçá de todo um povo.

MY WIFE CRIES (Meine Frau weint), de Angela Schanelec: Exibido em competição pelo Urso de Ouro, este estudo sobre incomunicabilidade discute o que os mitos deixaram de legado ao humano na forma com que enquadra a exasperação afetiva, a satisfação inalcançável. Agathe Bonitzer e Vladimir Vulevic



Orfão



Turistas



Yegua



Nova 78

se tomaram testemunhas vivas do processo semiótico da diretora alemã ao interpretarem um casal em ruínas.

O REI DA INTERNET, de Fabrício Bittar (Brasil): Imagine um “Prenda-me Se For Capaz” nacional – com picardia, com nudez, com montagem nevrálgica. Sua imaginação se concretiza nesta joia. Eis um potencial blockbuster brasileiro, de montagem febril, que buscou se notabilizar no exterior. Com ar de Selton Mello, João Guilherme revive a saga de um adolescente que virou um dos maiores hackers do Brasil e integrou uma organização criminosa movida a milhões de reais até ser alvo de uma operação da Polícia Federal — tudo isso antes de completar 17 anos. Miguel Nader é o destaque do elenco, no papel de um segurança casca-grossa.

ESE NIÑO DE LA FOTOGRAFÍA. CARLOS SAURA,

de Anna Saura (Espanha): Sintonizado com a celebração póstuma das sete décadas de estreia do espanhol Carlos Saura (1932–2023) na realização, o 27.º BAFICI abriu espaço na sua programação para um ensaio documental sobre esse artesão autoral, consagrado sobretudo por

“Cría Cuervos” (1976). Fruto da relação do cineasta com a atriz Eulalia Ramón, Anna Saura não deixa que a saudade comprometa a sua objetividade num .doc “álbum de família”, cuja premissa é cartografar um artista central para a construção de uma ideia moderna de Espanha.

FORÊT IVRE, de Manon Coubia (Bélgica): O exercício autoral mais recente da diretora de “La Plenitud De Los Tiempos” (2016) se passa nos Alpes, onde Anne, Hélène e Suzanne se revezam para cuidar de um refúgio de montanha. Ao longo das estações, os excursionistas chegam e partem. As histó-

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Divulgação

CRÍTICA LIVROS | PSICOLOGIA DE MASSAS DO FASCISMO

POR ALDO TAVARES



Reprodução

Divulgação



Em seu livro, Wilhelm Reich sustenta que a massa se identifica com o ideário fascista por meio de conceitos que lhe são familiares com estreita relação entre nação e religião

Um clássico

Por causa dos acontecimentos de 1927, o livro “Psicologia de Massa do Fascismo”, de Wilhelm Reich (18977-1957) foi pensado em 1930 e publicado em setembro de 1933. Obra atemporal. Um clássico. Da editora Martins Fontes, a tradução de Maria da Graça M. Macedo imprime 369 páginas, e a ideia de que parto é: por que a fácil aderência ao fascismo?

A política começa pelo rosto-palavra, e ele a teatraliza por ser o rosto a política da representação, cujos traços encenam o “engano” ou a “passagem”. Todo engano passa “entre” os contrários.

Diz Reich nas primeiras páginas que o homem fascista apoia-se “entre” o homem superficial (o da racionalidade aparente, ajustado às normas) e o homem profundo (o da espontaneidade, do amor, da criatividade), não havendo, portanto, contato direto do nível superficial com o profundo. Por isso, com um rosto que amalgama traços de sentimentos revolucionários e de ideais sociais reacionários, o fascista expressa o paradoxo, na medida em que as linhas de seu rosto estão “entre” forças contrárias, sendo nem revolucionário nem reacionário.

Assim, ao mesmo tempo, o homem fascista “é-e-não-é”. Tal paradoxo é a própria representação do rosto,



Reprodução/National Archives and Records Administration

Adolf Hitler em comício de 1928, período analisado por Wilhelm Reich em seu livro mais célebre

o que significa afirmar que o paradoxo não pode ser visto ainda que o rosto esteja exposto. Algo se oculta quanto o rosto fascista se expõe.

“A questão fundamental é saber por que motivo as massas se deixam iludir politicamente”. A palavra “ilusão” deriva de “lúdico”, “jogo”, quer dizer, “ser-e-não-ser” misturam-se na própria representação do rosto, fazendo com que a mentira se ajuste à verdade, o que impede de a massa ver “o-que-é” ou “quem-é”, afinal, a representação rostral joga ou engana com seus traços.

A parede é intransponível. Colocá-la abaixo, só quebrando-a. O

fascismo, porém, não a quebra: infiltra-se. Na página 61, Reich escreve que “o fascismo se infiltra” e, como toda infiltração, “está-e-não-está” na parede. No caso da história alemã, o fascismo infiltrou-se na classe operária desde o seu cotidiano; o movimento revolucionário, porém, segundo Reich, explorou de maneira errada a importância de pequenos hábitos do dia a dia.

Então, aderir ao fascismo significa que sua linguagem infiltra-se no hábito e, uma vez sendo hábito, exponencia a já dada prática semântica, por exemplo, liberdade e família. Observa Reich na página

63 que a linguagem revolucionária, no entanto, limita-se à propaganda semântica da fome, e essa não se infiltra no cotidiano, não tem aderência social.

Infiltrar-se no cotidiano implica o não estranhamento, ou seja, a massa identifica-se com o rosto fascista por meio das palavras família, a qual mantém estreita relação com a nação e a religião. Hitler já dizia que o bolchevismo destruiu a família e, na página 183, lemos que a linguagem fascista, sendo familiar, é muito forte em relação à criança.

Considerado o Lênin alemão, Hitler representou a liberdade e,

ao som de melodias revolucionárias com letras reacionárias – outro exemplo da passar “entre” os contrários –, transmitia-se seu nome nas casas pelo rádio, instrumento de que Goebbels soube se servir para disseminar a estética política do nacional-socialismo no cotidiano.

O caráter intermediário de Hitler foi concebido em sua prisão, em 1924, quando deixou de acreditar na força bruta como única para chegar ao poder. Uma vez solto, seu movimento político passou a defender que toda força que não provém de uma firme base espiritual torna-se indecisa e vaga. Sua política passou a se movimentar “entre” as forças física-e-espiritual.

Para chegar ao poder Maior, o rosto-palavra de Hitler infiltrou-se, primeiro, no lugar Menor, pois o fascismo sabe só ser possível se infiltrar por meio da teatralização do rosto, é onde a mentira, ajustando-se à verdade, representa “o-que-é-não-é” – paradoxo.

O fascismo paradoxo a política; reduzi-lo apenas ao dualismo bem e mal torna-se erro, pois, na condição de paradoxo, o rosto fascista joga “entre” os extremos. Página 63, Reich observa: “não se alimenta a construção de hábitos de vida revolucionários”. O homem fascista, ao contrário, ao passar a imagem de revolucionário, alimenta a construção de hábitos com os sentimentos nacionalistas, que são o prolongamento direto dos sentimentos da família autoritária.

Na página 206, escreve-se: “(...) é preciso que se libertem da maneira de ver tudo como branco ou preto, (...)”. “Entre” branco-e-preto, espaço de exceção, e rosto fascista passa por ele.